



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Adicções (vícios), solidão e pressa: notas psicanalíticas

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

A solidão é uma experiência dominante na sociedade atual, que coleciona frequentes narrativas de rupturas familiares, dificuldade de fazer e manter vínculos e necessidade de isolamento; ao lado disso, as adicções (vícios) se alastram e oferecem um mecanismo de fuga da realidade com cada vez mais adeptos. E a pressa, como resposta a uma busca não nomeada, faz do pensamento ansioso o mais comum. Que mal-estar é esse que tem tornado tão insuportável viver?

A princípio podemos definir uma **solidão de auto-suficiência**, baseada num falso discurso que o sujeito é livre de toda demanda de amor, mas na qual, ao contrário, confessa ser indefeso, sugestionável e dependente em certa dose – por isso a opção de estar só, com um comportamento evitativo.

Se fosse propriamente autossuficiente, em realidade não haveria por que temer a convivência, mas sendo insuportavelmente vulnerável, este sujeito prefere o desprazer do insulamento pelo medo de ser magoado, traumatizado e ferido nas relações com o outro.

Quando o sujeito não consegue simbolizar a falta e fazer deste vazio o espaço imprescindível para a construção de sua obra psíquica, a experiência da solidão gera



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

terrível sofrimento. É o ponto, talvez, quando começa a experimentar o vazio existencial.

Há, entretanto, uma **solidão** que podemos chamar de **ética**, formadora e essencial ao comportamento humano, quando o sujeito, pela via do desejo, visa buscar em si a satisfação do encontro que, de algum modo, remonta ao amor primário, ao narcisismo original marcado pelo autoerotismo, fundamental à formação do eu e constituição do sujeito.

Aliás, deve ser a partir dessa solidão que se dá o reconhecimento da libido narcísica e mais tarde, o deslocamento ao amor de objeto, pela libido objetal, tão necessária ao laço social.

Talvez a principal diferença entre a **solidão de auto-suficiência** e a **solidão ética** esteja no sacrifício do próprio desejo para corresponder ao ideal social, presente no primeiro e ausente no segundo.

Pensando no sujeito que publica sua opinião e professa não se importar com o reconhecimento do que diz, mas que, ao primeiro sinal de resposta contrária, sente-se afetado e reage, estamos provavelmente diante de alguém que sacrifica seu desejo para corresponder ao ideal social, ainda que proclame a independência (o desejo disfarçado é o da liberdade de expressão, mas o desejo real é o de ser compreendido, acatado em sua opinião, aprovado, e assim, reage com indignação quando não é atendido).

Já alguém que sofre preconceito e é constrangido ao isolamento por uma ação externa segregadora, velada ou declarada, experimenta na solidão o desprazer causado pela



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

indiferença do outro (e, às vezes, mais que apenas indiferença, mas uma tentativa de aniquilamento da sua subjetividade).

Talvez seja a mais temida solidão: o lugar disponível para expressar o que sente porque noutra não há amparo, o espaço onde pode bancar seu desejo, viver da forma que é. Essa é uma espécie de resignação à solidão que foi imposta.

Por outro lado, o sujeito que sofre por não se encaixar no laço social, e decide permanecer inserido no contexto mesmo assim, inadaptado (com sentimento de não-pertencimento), também sacrifica o próprio desejo e provavelmente não opta pela solidão ou engajamento em outros laços para não perder a referência que tem ou não ter que sofrer a angústia por não conviver.

É o incrível e muito comum caso de quem é popular, cercado de gente e vive em solidão, integrando-se e dissolvendo-se numa massa que, pela aparência de independência, oculta o mal-estar de aparentar estar só.

A **solidão ética** seria então um lugar a meio do caminho, afastada da exigência dos vínculos sociais por um lado e da necessidade insuportável de ter que ser feliz por outro, como autêntica expressão de singularidade do sujeito; já a **solidão de auto-suficiência** não passa de um estilo da independência sem interdependência (como se pudesse existir), para tentar escapar do desconforto de conviver com a frustração e tolerar o contraditório.

O laço social tem a função do amparo, pelo pertencimento ao grupo, que parece consolar o sujeito na sua sensação de vulnerabilidade. Em lugar do medo de estar absolutamente só, defrontado com o vazio frio, insuportável, o sujeito tem a



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

possibilidade de ser ancorado pelo olhar do outro, pela sua presença, com quem pode se identificar, ou diante de quem o possa entender.

Mas se assim o é, como explicar a fluidez das relações contemporâneas, a pretexto de maior liberdade e autonomia dos sujeitos, como estudado por Zygmunt Bauman (1998)?

Ora, se por um lado, conviver com o outro pode representar um lugar de conforto e amparo, essa experiência também remonta ao conjunto de emoções traumáticas, dolorosas e desconfortáveis ao longo da vida, sobretudo aquelas desenvolvidas nas relações parentais.

A verdade é que desde Freud ([1930] 1996) sabe-se que é impossível enfrentar a realidade o tempo inteiro, sem nenhum mecanismo de escape; citando-o:

“A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suporta-la, não podemos dispensar paliativos. Existem três desses recursos, talvez: **poderosas diversões**, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, **gratificações substitutivas** que a diminuem, e **substâncias inebriantes**, que nos tornam insensíveis a ela”.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, 1930. Grifo nosso.

Diante do desconforto de conviver e também da dor de estar só, sem o paliativo de ter alguém com quem, confortavelmente, compartilhar sua angústia, pode-se explicar a busca sôfrega pela embriaguez, fantasia e vícios em geral (álcool, jogos, fármacos, drogas lícitas e ilícitas). É aí que entram as adições (vícios).

Importante ressaltar que cada sujeito palmilha caminhos singulares e busca o vício por razões diversas, contudo, não raro, ele (o vício) não é apenas uma doença, mas



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

também um sintoma. O sintoma, à luz da psicanálise, é uma expressão particular de um conflito psíquico, como uma representação que o sujeito estabeleceu para lidar com suas emoções.

Ele só se completa na relação com o outro, isto é, ao estabelecer um vínculo ou relação de confiança com o analista (a que chamamos transferência), o paciente dá queixa, em análise, do seu sintoma. E pela linguagem, é conduzido a atualizá-lo, elaborando uma nova relação com sua própria história ou, de forma bem simples, tem a possibilidade de dar nome à sua dor.

Isso é especialmente importante no caso de adicções, pois há um temporário apagamento da subjetividade do sujeito no êxtase da droga, da aposta, ou coisa que o valha, que aniquila aos poucos quem é o sujeito, com todo o mal-estar de viver, em prol da satisfação oferecida.

O grande problema é que a angústia que se sucede torna maior o imperativo de recorrer compulsivamente à adicção, conforme defende Ferenczi ([1912] 2008), ao afirmar que *as drogas (em geral) são consequências e não as causas dos problemas; e que na medida em que o comportamento adicto dá uma trégua, a neurose da angústia ressurge com força, atrapalhando a vida social do sujeito por outras vias.*

A questão é que a cultura da pós-modernidade defende um hedonismo patológico de que é possível viver sem dor, diferente do que Freud ([1930] 1996) fez questão de elucidar:

“Aquilo a que chamamos **felicidade**, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina das necessidades altamente repressadas, e, por sua



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

natureza, é possível apenas como fenômeno **episódico**". *FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, 1930. Grifo nosso.*

Ou seja, a inabilidade de suportar a angústia de sofrer desenvolve a ideia de que bem estar é escusar-se de ser, numa assustadora apologia ao não existir. Não é de se espantar como consequência disso os índices alarmantes de suicídio e de novos adictos.

Ao lado disso, a sociedade capitalista reforça o consumismo desenfreado, relacionado à pressa aventada logo no início do artigo. Às vezes parece que tentamos reproduzir na vida real a mesma velocidade das postagens em redes sociais, sem tempo para digerir. E na ânsia de ganhar tempo, trabalhamos quando deveríamos comer, comemos quando deveríamos descansar...

Citando Zygmunt Bauman (2008), em *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*:

“Na sociedade de **consumidores**, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar **mercadoria**, e ninguém pode manter segura sua **subjetividade** sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável... A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta - é a transformação dos consumidores em mercadorias. *BAUMAN, Zygmunt. 2008. Pp.20. Grifo nosso.*



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

O sujeito que perdeu a via de acesso ao desejo passa a ser objeto, disfarçadamente manipulado, sempre dominado pela falta do que ainda lhe falta, o que explica a compulsão, como repetição da satisfação.

Que fazer?

É preciso resgatar a capacidade de socialização, pois desde bebê é pelo olhar do Outro (como o olhar e os cuidados da mãe) que se torna possível unir ou disjuntar, compor ou fragmentar, integrando a imagem difusa do sujeito. A participação do outro pode ajudar na simbolização do narcisismo, sem necessariamente se manter uma dependência para a determinação do sujeito.

Valorizar as relações sociais, os momentos de socialização e buscar satisfação em atividades criativas, nas quais a expressão da subjetividade esteja presente, são saídas possíveis, desenvolvendo a habilidade de conviver justamente por ter que suportar o desconforto ou mal-estar na civilização.

Mais indispensável é superar a lógica da felicidade suprema, derruir a insustentável satisfação imposta através do consumo (de eletrônicos, drogas ou medicamentos) e desenvolver opções próprias de desejo, particulares, pois quem sabe, ou deve procurar saber, é cada um: no seu tempo, do seu jeito, na sua solidão, sem pressa.

Referências

BAUMAN, Z. (1998). O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

BAUMAN, Z. (2008). Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FERENCZI, S. (1912/2008). L'alcool et les nevroses. In: Sur les adiccions. Paris: Ed. Payot & Rivages.

FREUD, S. (1996i). O mal-estar na civilização. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).